

TEM QUE TER UMA LIGA TRANS: ENUNCIÇÕES PERFORMATIVAS SOBRE A INCLUSÃO DE MULHERES TRANSEXUAIS ATLETAS NO VOLEIBOL¹

Blena Marinho,

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Leandro Teofilo de Brito,

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

RESUMO

Discute-se enunciações de treinadores de voleibol, das categorias profissional e amadora, sobre a presença de mulheres transexuais atletas em equipes femininas. Dialogamos com autores como Derrida, Butler e Arfuch para a produção de narrativas. Entre os resultados, os técnicos profissionais enunciaram sentidos de não reconhecimento dessas jogadoras no espaço do voleibol, diferentemente dos técnicos amadores, que apontaram para um ambiente esportivo menos segregatório.

PALAVRAS-CHAVE: transgeneridade; performatividade; voleibol

INTRODUÇÃO

A recente inclusão de atletas transgêneros no esporte foi protagonizada pelo voleibol no Brasil. No âmbito amador, em 2017, Isabelle Neris foi a primeira mulher transexual autorizada a participar de equipes de voleibol no naipe feminino e como profissional a jogadora Tiffany Abreu no mesmo ano; as duas receberam autorização do Comitê Olímpico Internacional (COI) e da Federação Internacional de Voleibol (FIVB) para integrar equipes de mulheres. Tiffany, por atuar na superliga feminina, ganhou muita visibilidade na mídia e sua presença dividiu opiniões acerca de uma suposta vantagem em suas atuações nas partidas.

Este resumo apresenta dados de uma pesquisa que teve como objetivo problematizar enunciações de treinadores de voleibol, das categorias profissional e amadora, sobre a presença de mulheres transexuais atletas em equipes do naipe feminino. Assim, reconhecemos que discursos diversos sobre a inclusão de mulheres transexuais atletas no âmbito do voleibol feminino, pelas ubíquas disputas por significações, trabalham na construção de sentidos

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

múltiplos em circulação na sociedade sobre o tema. Consideramos assim, o poder performativo das enunciações dos técnicos de voleibol nesse contexto.

A teorização da performatividade da linguagem foi desenvolvida pela leitura desconstrutora da teoria dos atos do linguista John Austin, realizada pelo filósofo Jacques Derrida e a leitura de Austin e Derrida pela teórica feminista Judith Butler. Nessas leituras, Derrida (1991) e Butler (2018) apontam a capacidade da linguagem na construção de realidades, por meio de sua repetição e reiteração contínuas. Um enunciado performativo, nas palavras de Derrida (1991, p. 27) “não descreve algo que existe fora da linguagem e antes dela. Produz ou transforma uma situação” e para Butler (2018, p. 35) “a performatividade é um modo de nomear um poder que a linguagem tem de produzir uma nova situação ou acionar um conjunto de efeitos”. Nesse sentido, a identificação do gênero também é performativa para a autora. A reiteração das normas de gênero, por meio da repetição de falas, atos e gestos busca enquadrar os sujeitos como masculinos e femininos por uma matriz heterossexual e coerente com a premissa sexo-gênero-desejo. Entretanto, tal processo se desenvolve de maneira contingente, o que possibilita o fracasso desse processo (BUTLER, 2018)

Segundo Rodrigues (2020), a performatividade pode ser entendida como um operador político contemporâneo tido como uma herança da virada linguística e que sua potencialidade precisa ser funcional para o campo da ação política. Nesse sentido, o poder da linguagem passa a ser entendido como uma rede de referencialidades, cujo sentido se produz como efeitos produzidos pelos discursos. Pensada como estratégia de poder sobre a realidade, a linguagem passa a ser uma forma muito específica de ação e, deste modo, mantém uma tensão permanente entre manutenção e subversão das normas, que repete e ao mesmo tempo desloca as normas estabelecidas num jogo dialético.

Considerando esses pressupostos teóricos, serão apresentados na próxima sessão nossas escolhas metodológicas de pesquisa.

METODOLOGIA

Para construção dos dados da pesquisa, operacionalizamos a produção de narrativas com treinadores de voleibol por meio de entrevistas. Os sujeitos participantes, dois técnicos em atuação no âmbito profissional e dois técnicos em atuação no âmbito amador, foram

escolhidos a partir de suas experiências profissionais frente ao trabalho com voleibol na cidade do Rio de Janeiro. As entrevistas foram realizadas no segundo semestre de 2018 nos espaços de treinos e jogos.

Desse modo, consideramos a entrevista pelos princípios de Arfuch (2010), como uma forma dialógica de narração que produz significados pela construção de discursos múltiplos ao apreender características significativas da cultura, num processo que é contingente e móvel. A entrevista é uma forma de indagação cuja versatilidade vai do informativo ao científico, do político ao íntimo, uma espécie de renovação cotidiana contínua do contato personalizado com o mundo. Nessa perspectiva, destacamos o processo dialógico que ocorre entre entrevistador e entrevistados, buscando contestar relações de poder hierarquizadas por uma maior relação de horizontalidade entre os sujeitos na produção de informações na pesquisa.

Desse modo, elencamos tópicos temáticos para abordarmos a presença de mulheres transexuais atletas no contexto do voleibol e problematizamos os efeitos performativos presentes nos enunciados proferidos pelos treinadores esportivos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os tópicos temáticos, problematizamos as diretrizes elaboradas pelo COI², que permitiram a participação de atletas transgêneros nos naipes com o qual se identificam. Ao serem interpelados sobre as diretrizes, os treinadores profissionais se colocaram contrários a tal normativa, justificando-se pelas seguintes afirmações:

Eu acho que ela não deveria ser liberada para participar, que deveria haver uma competição trans pra ela jogar, com pessoas com o nível de força dela. Se elas não querem jogar com homem, onde elas deveriam jogar? Tem que ter uma liga trans (Técnico profissional A).

Pessoas que têm uma formação masculina e que nos esportes onde a força, além da técnica, é predominante, uma atleta trans vai ter vantagem, então acho que nada mais justo ele competir com pessoas do mesmo sexo, do mesmo padrão. O sexo ele transformou, ok. Mas do mesmo padrão físico né? Da mesma formação é... de nascimento e não opção (Técnico profissional B).

² IOC Consensus Meeting on Sex Reassignment and Hyperandrogenism November 2015. Disponível em: <https://bit.ly/2XCjZJW>. Acesso em: 20 jun. 2021.

As falas proferidas pelos treinadores profissionais além de desconsiderarem por completo os estudos desenvolvidos pelo COI, enunciando uma suposta vantagem da força física de mulheres transexuais atletas, apontam como resolução do problema a criação de uma “liga trans” para absorver essas jogadoras. Sabe-se que não existe a possibilidade, no atual cenário ou em um cenário hipotético, da criação de uma liga de voleibol para mulheres atletas que transitaram de gênero. Conforme o estudo de Jones et al. (2017), apenas 1,1% de toda a população mundial é composta por mulheres transexuais e 0,8% composta por homens transexuais. Precisamos considerar dentro desse 1,1% da população mundial, afetações por idade, raça, classe social e localidade que impactam na inserção dessas pessoas no ambiente esportivo profissional.

Também consideramos as enunciações do treinador profissional B bastante preconceituosas, em particular do ponto de vista do não reconhecimento. O treinador remete-se à atleta, no caso Tiffany Abreu, no pronome masculino desconsiderando sua identificação como mulher. Nessa discussão, mencionamos que a condição politicamente induzida de não reconhecimento e marginalização vivida por certos sujeitos, fazendo com que os mesmos estejam mais suscetíveis à injúria, exclusões, violência e vulnerabilidade é nomeada por Butler (2018) como vida precária. A autora afirma que há formas de distribuição da vulnerabilidade em que algumas pessoas se encontram mais expostas que as outras e suas vidas não contam nos diferentes contextos sociais como uma vida vivível. Desse modo, vidas de pessoas transexuais são vidas precárias, pois a luta por reconhecimento se mostra inegotável em diferentes campos sociais e o esporte é mais um deles.

A presença de mulheres transexuais como jogadoras nas equipes em que os técnicos atuavam também foi um ponto de problematização e, entre as respostas, os técnicos profissionais afirmaram não existir jogadoras transexuais em suas equipes, já nas equipes amadoras havia a presença delas. O técnico amador A discutiu a inserção destas jogadoras nas competições de voleibol em que participava:

Olha, eu particularmente nunca vi problema algum em relação a recepção de atletas trans nas competições. Na Liverj tem uma equipe que tem uma atleta trans e ano que vem a nossa vai ser a segunda. E sinceramente, o que eu vejo é uma integração muito grande entre as atletas, entre as equipes. Isso passa assim como uma condição normal né?! O que de fato é! (Técnico amador A).

Diferente das falas dos treinadores das equipes profissionais, o técnico amador A não enuncia qualquer impedimento sobre a presença de uma mulher transexual como jogadora nas equipes de voleibol dos campeonatos amadores em que disputa e até coloca que sua equipe também teria futuramente uma atleta trans. Nessa mesma direção, o técnico amador B enunciou um olhar mais diferenciado sobre o rendimento de Tiffany:

Ela joga numa posição em que naturalmente é muito acionada durante o jogo. Joga como oposta que é a viradora de bola principal de uma equipe e eu acho que nessa situação, os conceitos, eles acabam se misturando um pouco, porque se você for comparar os números dela, por exemplo, com os de outras jogadoras da equipe, de fato ela vai sobressair, só que aí quando você compara os números dela com jogadoras da mesma posição de outras equipes, ela não se sobressai tanto, entendeu? (Técnico amador B).

Este treinador aponta para as questões táticas do jogo de voleibol e não somente para o aspecto físico e técnico, que é recorrentemente enunciado pelo biológico. Como coloca Butler (2018, p. 35), “a questão não é apenas que a linguagem atua, mas que atua de maneira poderosa” e, desse modo, entendemos que o espaço do voleibol amador parece ser menos segregatório para essas mulheres transexuais atletas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrarmos nossas análises pro campo do esporte nos deparamos com um terreno dominado e fundamentado pela biologia, como uma estrutura sedimentada e que confere legitimidade de participação para homens e mulheres cisgêneros. Entretanto, a presença de atletas transexuais no esporte mobilizou disputas nesses espaços.

No contexto das narrativas, os técnicos amadores enunciaram falas mais positivas à presença das jogadoras transexuais. Lembramos que estes técnicos trabalham e jogam contra equipes compostas por mulheres transexuais. Suas enunciações apontaram para a criação de realidades sociais mais inclusivas no âmbito do voleibol amador carioca.

Já as enunciações dos técnicos profissionais mostraram bastante resistência sobre a presença de mulheres transexuais como jogadoras, em particular da participação de Tiffany Abreu, mencionada recorrentemente nas entrevistas. Desse modo, o posicionamento contrário destes treinadores, dada a posição de poder e a visibilidade que os mesmos têm no espaço do voleibol, sobretudo na mídia esportiva, produzem significações de relevo e que podem



contribuir para a manutenção do preconceito e do não reconhecimento destas jogadoras no contexto esportivo.

A complexa constituição discursiva da ordem social pode e deve favorecer à escuta de muitas e heterogêneas vozes que disputam significações diversas e, desse modo, acreditamos que a manutenção da inclusão de atletas transgêneros no esporte podem disputar e tensionar a constituição de outras realidades sociais.

YOU MUST HAVE A TRANS LEAGUE: PERFORMING STATEMENTS ABOUT THE INCLUSION OF TRANSEXUAL WOMEN ATHLETES IN VOLLEYBALL

ABSTRACT

It discusses statements by volleyball coaches, professional and amateur categories, about the presence of transsexual women athletes in teams of the female suit. We dialogued with authors such as Derrida, Butler and Arfuch to produce narratives. Among the results, professional coaches enunciated feelings of non-recognition of these players in the volleyball space, unlike amateur coaches, who pointed to a less segregated sporting environment.

KEYWORDS: *transgender; performativity; volleyball*

TIENE QUE TENER UNA LIGA TRANS: ENUNCIACIONES PERFORMATIVAS SOBRE LA INCLUSIÓN DE MUJERES ATLETAS TRANSEXUALES EN EL VOLEIBOL

RESUMEN

Se discuten enunciaciones de entrenadores de voleibol, categorías profesionales y amateurs, sobre la presencia de deportistas transsexuales en equipos del traje femenino. Dialogamos con autores como Derrida, Butler y Arfuch para producir narrativas. Entre los resultados, los entrenadores profesionales enunciaron sentimientos de no reconocimiento de estos jugadores en el espacio del voleibol, a diferencia de los entrenadores amateurs, que apuntaron a un entorno deportivo menos segregado.

PALABRAS CLAVES: *transgénero; performatividad; vóleibol*



REFERÊNCIAS

ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

DERRIDA, J. **Limited inc**. Campinas: Papirus, 1991.

JONES, B. A. et al. Sport and transgender people: A systematic review of the literature relating to sport participation and competitive sport policies. **Sports Medicine**, v. 47, n. 4, 2017, p. 701-716.

RODRIGUES, C. **Escritas**: filosofia e gênero. Rio de Janeiro: Ape'Ku Editora, 2020.